

Título: Capitalismo e Subjetividade – uma outra interpretação para a Teoria do Desenvolvimento Económico de Schumpeter.¹

Mauricio Rezende Dias²

Resumo

O artigo propõe estabelecer uma outra interpretação do segundo capítulo do livro *Teoria do Desenvolvimento Económico* de Schumpeter. Ao avaliar o empresário como o grande portador das mudanças históricas do capitalismo, é possível no próprio texto encontrarmos outros nexos importantes que também moldam tais mudanças, mas que passaram ao largo dos principais estudos acerca da obra schumpeteriana. Nesse sentido, o processo exatamente oposto - nomeadamente a demanda subjetiva dos consumidores - é observado também como um nexo existente, mas que não é passível de estudos empíricos e, por consequência, tem um valor menor de compreensão analítica. Com esta perspectiva, procurar-se-á verificar que muito do desenvolvimento dos estudos económicos caminharam para este último tipo de análise, com a reflexão de Schumpeter a ser uma das primeiras a nomear esta possibilidade.

Introdução

A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém pensou sobre aquilo que todo mundo vê.

Arthur Schopenhauer

Joseph Alois Schumpeter é considerado um dos mais importantes economistas clássicos. Sua obra foi intensamente lida e há uma robusta releitura de sua obra até os

¹ Ensaio apresentado à unidade curricular Economia, Sociedade, Governação do Doutoramento em Economia Política da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC), do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa (ISEG-UL).

² Email: mauriciordias19@gmail.com.

dias atuais. Os neoshumpeterianos, portanto, ainda tem um papel importante para análise da economia do século XXI. A partir desta perspectiva, a proposta de trabalho busca revisitar um trabalho do famoso autor, em específico o segundo capítulo do seu livro *Teoria do Desenvolvimento Económico*, capítulo este considerado como um marco da sua obra.

O capítulo a ser analisado é considerado um marco pois é nele que consta a definição clássica da concepção de desenvolvimento econômico, propagado fundamentalmente pelos empreendedores, e que gera a famosa “destruição criadora”³. Com uma importância destas, o capítulo em questão decerto é um dos mais lidos e estudados sobre o autor.

Será possível retirar algo ainda de tal capítulo, tão esmiuçado e revisitado? Se pensarmos que toda obra clássica ainda tem validade no presente, então cremos que sim, que é possível ainda extrair novidades em textos bem antigos, e para isso a proposta visa repensar uma outra possibilidade de análise do texto, especificamente um ponto pouco desenvolvido ou mesmo obscurecido por Schumpeter no decorrer do texto.

Ao propor o empreendedor como a figura fundamental do processo que retiraria a economia do seu modo estático, Schumpeter argumenta no início da segunda parte que não é possível analisar cientificamente as subjetividades das pessoas, ao passo que o possível seria a análise da produção material produzida pelas mesmas. Portanto, a sua análise recai sobre a questão da produção e da oferta, mesmo que o autor estivesse consciente que toda produção busca em si mesma uma demanda da população.

No bojo desta abordagem, Schumpeter argumenta que o empresário disciplina o processo de escolha do consumidor, de modo que a análise da produção é o elemento vital na compreensão do processo econômico, e não a subjetividade do consumidor.

Será mesmo? Não será possível analisar a questão pelo viés minorado por Schumpeter? E se a resposta for sim, como será possível analisar com rigor o que chamamos de subjetividade dos consumidores?

³ Embora se possa notar a grande relação existente entre o conceito de destruição criadora com o capítulo do livro mencionado, não há neste capítulo em específico a conceptualização do termo, que ocorrerá apenas em *Capitalismo, Socialismo e Democracia*.

A proposta deste breve trabalho visa tentar verificar as repostas da ciência económica para tais questões, ao mostrar as possibilidades de tal intenção e metodologias novas que surgiram no decorrer do século XX que podem auxiliar em nossa resposta. De alguma forma, o próprio desenvolvimento dos estudos económicos conduziu a novas maneiras de lidar com a questão das escolhas do consumidor, se tornando um campo abrangente e em franco debate hodiernamente. Tal desenvolvimento nos permite afirmar que a demanda subjetiva dos indivíduos conquistou um espaço na Economia que na época de Schumpeter estava ainda muito distanciada de análises empíricas, se remetendo para análises da filosofia e da nascente psicologia enquanto campo autônomo de saber.

A ideia é, portanto, neste breve artigo, explorar em uma obra clássica as primeiras intervenções que procuraram destacar tal ponto, ainda que de forma embrionária. Não para destacar uma origem oculta deste paradigma, mas para demonstrar que mesmo em autores que desenvolveram aspectos bem diferentes, é possível observar pontos de encontro com temáticas que ganharam volume posteriormente.

A segunda parte do artigo visa fazer um breve resumo sobre a noção de desenvolvimento econômico em Schumpeter, largamente famosa. A terceira parte busca mostrar os pontos em aberto no capítulo dois que requalificam a questão nos escritos de Schumpeter. Na quarta parte mostraremos os principais desenvolvimentos da ciência económica sobre o paradigma tanto da demanda no que diz respeito ao desenvolvimento económico. Na quinta parte abordaremos o desenvolvimento do neoschumpeterianismo, que passou ao largo dos pontos que abordamos e posteriormente concluiremos na sexta parte. A última parte contém a bibliografia referente ao trabalho.

1. A análise de desenvolvimento económico em Schumpeter

O processo social que racionaliza nossa vida e nosso pensamento, afastou-nos do tratamento metafísico do desenvolvimento social e nos ensinou a ver a possibilidade de um tratamento empírico (Schumpeter, 1997: 69).

Assim começa o segundo capítulo do famoso livro *Teoria do Desenvolvimento Económico* de Schumpeter. Como premissa reinante existe a ideia de que o carácter

empírico de análise é preponderante em relação à análise metafísica da realidade, que não encontra sedimentação factual.

Nesse sentido, é importante destacar que a análise sobre o desenvolvimento econômico estabelecida por Schumpeter não tem um caráter de postular um sentido para a história ou mesmo para a economia. Ela deriva, sim, do processo de mudança histórica, que se acentuou nos últimos séculos através de uma série de inovações criadas pelos seres humanos. E é a partir deste diagnóstico que Schumpeter procura diferenciar o caráter estático do dinâmico e enseja valorizar a figura do empresário na condução das mudanças económicas dentro de cada paradigma histórico.

Para o autor, mesmo que seja possível analisar a economia pelo viés da teoria do equilíbrio geral, há momentos disruptivos que pavimentam as mudanças que ocorrem na economia e a retiram do seu caráter estático. O dinamismo encontrado nas economias modernas provém fundamentalmente da figura do empresário, indivíduo que utiliza arranjos existentes para produzir algo novo na sociedade de consumo, e assim acaba por gerar o novo do ponto de vista factual⁴.

O empresário, nesse sentido, pode ser qualquer indivíduo que consiga rearranjar os elementos que possui e empregá-los em novas fórmulas de sucesso dentro do ambiente económico. Mais do que calcado na figura do indivíduo que escolhe livremente o que quer, são os empresários e as suas ofertas que dinamizam a economia e conseguem, em alguma medida, adestrar a população de forma geral.

A ser uma figura central no desenvolvimento económico, o empresário é o grande facilitador das novidades existentes ao gerar as mudanças económicas que circunscrevem e moldam a história da economia moderna.

A perspectiva acima resumida já é muito conhecida dentro no pensamento económico, e seus contributos são largamente comentados e revisitados. Vejamos agora como pode ser possível pensar em novos caminhos para se trilhar nessa famosa perspectiva.

2. Schumpeter reinventado

⁴ Importante pontuar que a análise de Schumpeter não está atrelada uma reificação do novo, da invenção, mas da execução da inovação posta em prática, vendida enquanto mercadoria ou racionalizada em uma determinada empresa.

O novo é apenas o fruto da nossa imaginação.

Schumpeter

A reinvenção de Schumpeter que propomos neste trabalho passa pela reavaliação da importância da demanda, e conseqüentemente do empresário, em relação ao processo de mudança e inovação na economia. Em outras palavras, é possível apontar que as mudanças gestadas nas economias modernas ocorrem também pelas mudanças que são frutos das demandas sociais existentes, e, portanto, a ser parte integrante e fundamental desta, ainda que em menor escala.

Schumpeter reivindica a importância do empresário como o portador das mudanças econômicas, tendo em vista a sua conduta que realoca e direciona as preferências do consumidor. O que propomos aqui é compreender que na lógica do pensamento schumpeteriano, em seu primeiro momento com o livro *Teoria do Desenvolvimento Económico*, coloca-se em aberto a possibilidade da ocorrência do oposto, pois existem processos disruptivos da demanda que realinham as escolhas dos empresários e também são processos passíveis de ocorrer.

Veamos a seguinte situação. Quando um determinado empresário imagina um produto a ser consumido, ele pensa também na possibilidade de tal mercadoria ser consumida e na preferência dos consumidores, ainda que projetada no futuro. O processo factual e objetivo de produção é posterior a uma intenção intuitiva de que a população irá apreciar a novidade. Não é apenas para a população em geral que se realizam as invenções formalizadas pelo empresário, mas é sobretudo a partir dela que se pensam novas mercadorias. A figura do empresário é importante na configuração do produto final, mas também o é de quem recebe o seu produto.

Uma leitura rápida do parágrafo acima pode parecer, a princípio, uma obviedade. Mas é bem provável que Schumpeter discordasse. Como é possível ler abaixo:

No entanto as inovações no sistema econômico não aparecem, via de regra, de tal maneira que primeiramente as novas necessidades surgem espontaneamente nos consumidores e então o aparato produtivo se modifica sob sua pressão. Não negamos a presença desse nexos.

Entretanto, é o produtor que, via de regra, inicia a mudança econômica, e os consumidores são educados por ele, se necessário; são, por assim dizer, ensinados a querer coisas novas, ou coisas que diferem em um aspecto ou outro daquelas que tinham o hábito de usar (Schumpeter, 1997: 76).

Para Schumpeter, ao focar na figura do empresário como a grande mola propulsora do desenvolvimento econômico, ele procura dar credências empíricas na análise, em detrimento da subjetividade humana, que passaria por uma análise necessariamente metafísica e inadequada para a metodologia econômica racionalizada. Veja que o autor não nega que exista um nexos no âmbito da subjetividade dos consumidores. Entretanto o seu olhar recai sobre a figura do produtor pois ele seria o educador fundamental que estabelece os novos hábitos da sociedade. Em um ponto mais a frente do texto ele continua a abordar sobre as mudanças na economia e comenta que:

Essas mudanças espontâneas e descontínuas no canal do fluxo circular e essas perturbações do centro do equilíbrio aparecem na esfera da vida industrial e comercial, não na esfera das necessidades dos consumidores de produtos finais. Quando aparecem mudanças espontâneas e descontínuas no gosto dos consumidores, trata-se de uma questão de súbita mudança dos dados, a qual o homem de negócios deve enfrentar, por isso é possivelmente um *motivo* ou uma oportunidade para adaptações de seu comportamento que não sejam graduais, mas não de um outro comportamento em si mesmo (Schumpeter, 1997: 75).

Observe que o autor restringe, mas não nega que ocorram mudanças espontâneas e descontínuas no gosto dos consumidores, apenas a coloca em um plano secundário na análise. Isso nos é facilitado pelo fato de que a espontaneidade das necessidades é em geral pequena (Schumpeter, 1997). Contudo, como no próprio texto de Schumpeter, mesmo que de forma limitada, há espaço para se colocar a questão da subjetividade dos consumidores como um outro caminho que perfaz também algumas das mudanças econômicas. Em alguma medida, tal ponto, para Schumpeter, não é passível de análise justamente porque sua investigação não pode ser racionalizada a ponto de se tornar inteligível de um ponto de vista factual e científico. Em outras palavras, o seu menosprezo pela análise da subjetividade dos indivíduos na reflexão para se pensar o desenvolvimento econômico ocorre primeiro por se caracterizar de um saber de conformação metafísica e segundo por ter uma importância menor para o desenvolvimento econômico, embora, como vimos, o próprio autor admita que ela ocorra.

E é nessa pequena abertura ao olhar prioritário dado aos consumidores que queremos amplificar e destacar. Se admitirmos que Schumpeter elabora também essa possibilidade, é possível percebermos que algumas das áreas da economia que se desenvolveram ao longo do século XX se defrontaram com a questão que comentamos. A análise do consumidor, a busca pela compreensão de sua racionalidade e importância para o desenvolvimento económico foram pontos nodais para muitas pesquisas que surgiram. Procuraremos elencar algumas das mais representativas.

3. Novos desenvolvimentos da ciência económica

Em uma outra passagem do segundo capítulo de Teoria do Desenvolvimento Económico, Schumpeter comenta que:

Assim como a descrição dos efeitos da Contrarreforma sobre a pintura italiana e a espanhola sempre continua sendo história da arte, descrever o processo económico continua sendo história económica, mesmo que a verdadeira causalidade seja largamente não-económica (Schumpeter, 1997: 69/70).

Se o processo de construção da demanda provém das escolhas do consumidor e a descrição desse mesmo processo é analisada por outras áreas do saber, cabe a Economia promover uma integração com tais áreas para um maior desenvolvimento de seu próprio campo de investigação. Tal ponto pode ser uma forma de reinterpretar no contemporâneo o que Schumpeter comentou no trecho acima, a se ter em vista uma profusão de estudos económicos que abarcam outros campos como da psicologia, filosofia, neurociência, etc.

O desenvolvimento do campo económico no século XX pavimentou a construção do saber económico alinhado as práticas neoclássicas de produção científica, com a incorporação de modelos matemáticos como parâmetros fundamentais para a reflexão e análise deste saber.

Decerto o campo da microeconomia, ao desenvolver a chamada Teoria do Consumidor ou Teoria da Escolha, desenvolveu em parte um dos aspectos que ressaltam a análise da opção dos consumidores em relação à compra de uma determinada mercadoria. Seu constructo está alinhado com a ideia de utilidade, termo historicamente importante para os economistas clássicos e que foi integrado aos

modelos microeconómicos da Teoria do Consumidor desenvolvidos pela escola neoclássica.

Tal modelo estava inserido na análise das demandas e da escolha racional do indivíduo em mercados competitivos. Desta forma, a Teoria do Consumidor foi uma das primeiras abordagens na economia a desenvolver análises voltadas para a escolha individual em uma sociedade de mercado, ainda que separada das análises sobre desenvolvimento económico.

A reflexão sobre desenvolvimento económico encontrou mais respaldo na macroeconomia, em especial com o advento dos estudos keynesianos, com a concepção de demanda a ganhar uma força especial. Nessa perspectiva, a demanda pode ser a promotora da oferta⁵, de modo que a oferta produzida pelas empresas busca identificar não apenas as necessidades e os desejos dos consumidores, mas o próprio grau de efetividade dessa mesma demanda para os seus produtos⁶.

O nascimento da macroeconomia moderna identificou na procura agregada o elemento que determina os ciclos económicos. Nesse sentido, Keynes pondera que intervenções estatais são fundamentais para políticas de readequação da demanda em momentos de crise, colocando-a como a grande mola propulsora para pensarmos o crescimento económico.

Tal perspectiva entrou em conflito com a releitura dos neoclássicos derivada especialmente dos anos 1970. Os neoclássicos analisam que os ciclos económicos são naturais dentro do funcionamento deste mesmo sistema, tendo em vista que o lado da oferta é o elemento preponderante para a análise do mesmo. Assim sendo, as irrupções existentes com as inovações tecnológicas demonstram um sinal de eficiência do sistema, que reordenam o comportamento das famílias e empresas. A busca por uma intervenção estatal no combate a crises, portanto, pode levar a um menor crescimento no longo prazo, derivado da artificialidade no combate ao problema.

É possível dizer que o debate acadêmico entre neoclássicos e keynesianos permanece até hoje como um dos mais intensos em Economia. Enquanto os keynesianos colocam a ênfase na demanda agregada e em falhas de coordenação que resultariam em crises

⁵ Os desequilíbrios entre demanda e oferta variam a partir dos ciclos económicos, com o Estado a ter um papel preponderante na busca de reequilibrar a relação quando há períodos de escassez da demanda.

⁶ Keynes a designou de demanda efetiva.

passíveis de serem melhor solucionadas com a intervenção do Estado, os neoclássicos compreendem que esta ajuda pode ter repercussões negativas no longo prazo pois os ciclos económicos são determinados fundamentalmente pela oferta.

Tais debates já podem ser vistos como clássicos em centros de economia espalhados pelo mundo. Como conhecimentos advindos ao longo século XX, sua abrangência em termos educacionais e institucionais nas escolas de economia é um dos pontos nodais dos seus estudos. Cabe agora analisarmos como Schumpeter poderia estar nesta ferida aberta e se os neoschumpeterianos entraram nesta questão.

4. Os estudos neoschumpeterianos

É possível perceber que a teoria do desenvolvimento económico de Schumpeter, se lida dentro da visão mais bem estabelecida, tende a se incorporar mais facilmente na visão neoclássica para pensar o desenvolvimento económico. O próprio Schumpeter em muitos momentos criticou a solução keynesiana para as crises económicas.⁷ Entretanto, em termos de fatores determinantes para o desenvolvimento económico, e a partir da releitura que fizemos de seu livro, é possível redimensionarmos tal postulado e o aproximarmos em alguma medida das ideias keynesianas de valorização da demanda na dinâmica dos ciclos económicos.

No âmbito da literatura neoschumpeteriana, houve uma grande disseminação das suas ideias atrelada aos mais variados escopos de sua literatura. Na parte que estamos a analisar com maior acuidade, nomeadamente o do perfil da mudança económica, o fim dos anos 1970 foi um marco na recuperação dos escritos de Schumpeter para repensar a economia, concomitante com a renovação dos estudos neoclássicos que abordamos antes.

A se ter como problemática a questão da tecnologia, os neoschumpeterianos postulam o progresso técnico e as mudanças tecnológicas como o fator preponderante para as mudanças existentes no capitalismo. Nesse sentido, a análise em torno da Pesquisa & Desenvolvimento é um fator importante para se estudar enquanto

⁷ Os artigos *John Maynard Keynes 1883-1946* (1946) e *The General Theory of Employment, Interest and Money - review* (1936), embora bastante elogiosos para com Keynes, explicitam as diferenças existentes entre os autores, especialmente no que toca a resposta para crises económicas.

abordarmos questões referentes ao desenvolvimento económico de uma determinada região.

O progresso de tal conjunto de ideias foi acompanhado da inserção de alguns termos da biologia como evolucionismo e mutação, de modo que muitas vezes os neoschumpeterianos também se diziam partidários da análise evolucionista da economia, bem como admitiam que a tendência nas sociedades capitalistas era a difusão de mutações que repactuavam as relações capitalistas que existiam, dinamizando as relações comerciais a partir do progresso técnico experimentado. (Aghion et al., 1992; Aghion et al., 2013).

Embora possamos falar em uma reapreciação de sua literatura a partir de estudos de autores neoschumpeterianos como Giovanni Dosi e Christopher Freeman, outros trabalhos também possuem alguma ressonância da análise de Schumpeter, como os de Nikolai Kondratiev. A partir das chamadas “ondas de Kondratiev”, é possível apontar um encaminhamento teórico próximo as ideias schumpeterianas nas quais o progresso económico se deve às inovações tecnológicas ocorridas de tempos em tempos no capitalismo contemporâneo, que se reestrutura a partir de ondas tecnológicas cíclicas com maior ou menor duração.

Todos os estudos acima de alguma forma ressoam os trabalhos de Schumpeter, embora vale a pena atentarmos para o facto de que Schumpeter não nega o fator da demanda e das subjetividades dos indivíduos como promotores das mudanças económicas, ponto esse que não foi destacado e desenvolvido por autores que reapreciaram seu trabalho ao longo das últimas décadas.

Os neoschumpeterianos também possuem diferenças significativas com os autores neoclássicos, tanto em termos conceituais quanto de método. Em alguma medida, os estudos schumpeterianos inauguraram um caminho próprio para se pensar a economia e o desenvolvimento económico, ainda que pontos de contato existam entre ambas as escolas.

Mesmo que seja plenamente possível conciliar os estudos neoclássicos da oferta com a teoria do desenvolvimento económico em Schumpeter, a aproximação entre Schumpeter e Keynes também é plausível de ser feita. A diferença entre ambos parece ser de ênfase e do modo como Keynes se apropriou de estatísticas agregadas que permitiram nortear empiricamente a procura, ao passo que Schumpeter em seu livro

desacreditava desta possibilidade. Nesse sentido, quando Keynes enfatizou a questão da demanda e utilizou dados inovadores para a época, ele atualizou a percepção de desenvolvimento económico estabelecida por Schumpeter, a estar mais próximo de uma evolução do conhecimento do que propriamente uma ruptura ou ponto de divergência entre ambos.

A noção de desenvolvimento económico dos autores está muito mais próxima de uma complementaridade do que de um antagonismo, e o keynesianismo, neste aspecto, pode ser visto como uma evolução do próprio empirismo da ciência económica, que conseguiu estabelecer novos parâmetros de análise factual para aspectos que até então não eram passíveis deste tipo de análise.

Conclusão

A proposta do trabalho teve como perspectiva analisar uma possibilidade deixada em aberto no segundo capítulo do livro *Teoria do Desenvolvimento Económico* de Schumpeter. Se a demanda dos agentes económicos é, ainda que de forma reduzida, também uma condição da mudança económica, seria possível de se estudar tal questão?

Se no período de Schumpeter tal resposta estaria fora da análise empírica valorizada pelos economistas, o que foi possível perceber é que ao longo do século XX a ciência económica desenvolveu formas de apreciação dos fatores subjetivos individuais a partir de processos empíricos e estatísticos que auxiliaram no entendimento e compreensão deste processo. O que Schumpeter observava apenas na ordem do metafísico se metamorfoseou em análise empírica especialmente na macroeconomia moderna promovida por Keynes.

O propósito, portanto, não é o de negar a famosa relação do empreendedor que formaliza nas práticas as invenções e as coloca no mercado para os consumidores se adaptarem a elas. Contudo, há um outronexo que também existe: o das inovações no campo económico ocorreram prioritariamente pela demanda das pessoas. Se a demanda dos consumidores se torna o fator fundamental para que uma determinada mudança de mercado ocorra, então o seu estudo passa a ser necessário para a compreensão da própria análise da mudança económica, ponto esse comentado, mas não desenvolvido por Schumpeter.

Keynes com novas ferramentas desenvolveu este ponto e por isso podemos relacionar ambas as teorias sobre desenvolvimento económico. Há muitos trabalhos contemporâneos que procuram relacionar Keynes e Schumpeter, sob os mais diferentes aspectos. O artigo presente é parte integrante deste processo teórico que procura estreitar os laços de autores tão importantes na história do pensamento económico.

Outro ponto relevante refere-se ao fato de buscarmos novas interpretações de textos que já foram muito lidos e trabalhados. Com novas perguntas e novos enfoques, é possível repensarmos outras possibilidades de uma literatura clássica ainda relevante nos dias atuais.

Como já relatado, não há nenhuma pretensão de repensar toda a dinâmica de um pensador já tão lido e interpretado, mas apenas sugerir que muitas vezes é possível encontrarmos outras interpretações cabíveis em obras, ainda que já clássicas e intensamente relidas. Se tal intenção foi bem estabelecida, então o objetivo foi cumprido.

Referências Bibliográficas

Aghion, Philippe; Howitt, Peter (1992), "A Model of Growth Through Creative Destruction.", *Econometrica*, 60, 2, 323-351.

Aghion, Philippe; Akcigit, Ufuk; Howitt, Peter (2014), "What do we learn from Schumpeterian growth theory? *Handbook of Economic Growth*, 2, 515-563.

Dosi, Giovanni; Freeman, Christopher; Nelson, Richard; Silverberg, Gerald; Soete, Luc (1988), *Technical change and economic theory*. London and New York: Pinter Publishers.

Freeman, Chris; Louçã, Francisco (2005), *Ciclos e Crises no Capitalismo Global – Das Revoluções Industriais à Revolução da Informação*. Lisboa: Edições Afrontamento.

Goodwin, R.M. (1991), "Keynes and the theory of economic evolution", *Journal Evol Econ* 1, 29-47.

Hirschman, Albert (1985), "Against Parsimony", *Economic and Philosophy*, 1, 7-21.

Korotayev, Andrey; Tsirel, Sergey (2010), "A Spectral Analysis of World GDP Dynamics: Kondratiev Waves, Kuznets Swings, Juglar and Kitchin Cycles Crisis", *Structure and Dynamics*, 4, 3-57.

Schumpeter, J. A. (1997), *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. Tradução Maria Sílvia Possas. Editora Nova Cultural.

Schumpeter, J. A. (1936), "The General Theory of Employment, Interest and Money", *Journal of the American Statistical Association*, 31, 196, 791-195.

Schumpeter, J. A. (1946), "John Maynard Keynes 1883-1946", *Journal of the American Economic Review*, 36, 4, 495-518.

Schumpeter, J. A. (1961), *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro. Editora Fundo de Cultura.

Simon, Herbert (1997), *Models of bounded rationality*. London: The MIT Press.